



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**OLAISYLENNE DOS SANTOS GONÇALO**

**AS MULHERES E AS “REGRAS”:  
ÚTERO, JUVENTUDE E BELEZA NAS REVISTAS DA SEMANA E FON-  
FON (1930-1950)**

**GUARABIRA-PB**

**2022**

OLAISYLENNE DOS SANTOS GONÇALO

**AS MULHERES E AS “REGRAS”:  
ÚTERO, JUVENTUDE E BELEZA NAS REVISTAS DA SEMANA E FON-  
FON (1930-1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciatura em História.

**Área de concentração:** História do Brasil

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alômia Abrantes da Silva

**GUARABIRA-PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G258m Gonçalo, Olaisylenne dos Santos.  
As mulheres e as "regras" [manuscrito] : útero, Juventude e Beleza nas Revistas da Semana e Fon-Fon (1930-1950) / Olaisylenne dos Santos Goncalo. - 2022.  
45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História - CH."

1. Útero. 2. Juventude. 3. Beleza. 4. Saúde. I. Título

21. ed. CDD 370

OLAISYLENNE DOS SANTOS GONÇALO

**AS MULHERES E AS “REGRAS”:  
ÚTERO, JUVENTUDE E BELEZA NAS REVISTAS DA SEMANA E  
FON-FON (1930-1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciatura em  
História.

**Área de concentração:** História do  
Brasil

Aprovado em: 06/12/2022

BANCA EXAMINADORA



---

Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB



---

Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB



---

Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Dayane Nascimento Sobreira  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

Ao meu grande e eterno amor, que sempre me apoiou e continua me apoiando e inspirando, minha amada avó, Maria do Rosário Ferreira dos Santos (in memoriam), DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui mesmo com tantas adversidades.

Agradeço a minha avó (in memoriam), por sempre ter estado ao meu lado, me amado e apoiado em todos os momentos, ela me deu forças para continuar e mesmo distante fisicamente, continua sempre comigo, te amo para sempre.

Agradeço ao meu primo Rivânio Reicardo e a sua esposa Laís Albuquerque, por todo o apoio, amor, carinho e por serem a minha família.

Agradeço a Maria Lilian (Tia Lili), por ser um grande suporte e pelos conselhos nos momentos turbulentos; Anne Karolina, Valentina e Maria Vanessa por sempre me acolherem como família e me amarem.

Agradeço a Ray, por sempre está comigo me escutando nos momentos bons e ruins, e assim como Maria Vanessa, serem uma grande base de amizade.

Agradeço aos meus amigos mais próximos que a Universidade me proporcionou, *Os xuxus*, por todos os momentos de brincadeiras e alegria, mas também pelos momentos de partilhas e desabafos.

Agradeço a todos os meus amigos em geral, por me fazerem ver o quanto esses laços são importantes na nossa caminhada. Sintam-se todos citados e abraçados.

Agradeço ao meu namorado, Cássio Marcelo, por sempre está ao meu lado independente do momento, constantemente demonstrando toda forma de apoio, atenção e amor.

Agradeço a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alômia Abrantes, por todo o carinho, assistência, paciência e oportunidades. Obrigada por acreditar em mim.

Agradeço a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susel de Oliveira, pelo apoio e por ser esse ser humano de luz, amor e empática com todos ao seu redor.

Agradeço a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dayane Nascimento, por iluminar as aulas com seu sorriso e alegria, demonstrando sempre preocupação comigo e com todos os seus alunos.

Agradeço em geral a todos os professores da Universidade, por todo o aprendizado proporcionado.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada acadêmica, seres essenciais nessa missão tão linda da educação.

“Apesar da mudança de protagonistas e de discurso, as intenções permanecem: confinar, controlar e subalternizar.”

(Alexandra Esteves)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar as narrativas discursivas presentes na *Revista da Semana* e na *Revista Fon-Fon*, entre as décadas de 1930 a 1950, que criavam e propagavam valores, normas e significados acerca dos corpos e do comportamento das mulheres. A análise tem como foco as questões fisiológicas e orgânicas femininas abordadas principalmente em anúncios presentes nestes periódicos, nos quais eram associadas à necessidade de manter um ideal de juventude e beleza, interligado ao bom funcionamento da saúde das mulheres, para a qual nomeava-se um órgão governador e determinante, o útero. Procuo, assim, identificar e compreender como os enunciados que associam útero, beleza e juventude, aparecem alinhados aos objetivos de exercer os papéis sociais binários e da hierarquização de gênero. Através de uma abordagem cultural, relacionando os campos da história do corpo, dos estudos de gênero e sexualidade, acredito que esta pesquisa possa contribuir para a problematização acerca dos dispositivos de controle sobre os corpos femininos atuantes no período histórico recortado e que ressoam ainda no presente.

**Palavras-chave:** Útero. Juventude. Beleza. Saúde.



## **ABSTRACT**

This work aims to investigate the discursive narratives present in Magazine of the week (Revista da semana) and Magazine Fon-Fon (Revista Fon-Fon), between the 1930s and 1950s, which created and propagated values, norms and meanings, generating habits and customs linked to bodies and conduct of female life. The analysis will focus on physiological and organic issues, which were associated with the need to maintain a stereotype of youth and beauty, linked to the proper functioning of female health, represented by lead organ, the uterus, aligned with the objectives of exercising the roles social and gender hierarchization. That said, I believe that through a cultural approach, relating the fields of body history, gender and sexuality studies, the research can contribute to the analysis and problematization of the discourses present in both established magazines.

**Keywords:** Womb. Youth. Beauty. Health.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Não sofra (Regulador Gesteira) .....	19
Figura 2 – Viajar (Regulador Gesteira) .....	21
Figura 3 – Diário de um marido (Metrolina) .....	22
Figura 4 – Faça a conta! (A saúde da mulher) .....	24
Figura 5 – Mocidade... (Fandorine) .....	27
Figura 6 – Ser mãe (Gottas Salvadoras) .....	32
Figura 7 – Pensamentos .....	33
Figura 8 – O segredo de ser jovem (Utercolina) .....	36
Figura 9 – Sua belleza é a sua saúde! (Fandorine) .....	37
Figura 10 – Metrolina .....	39
Figura 11 – Preceitos de hygiene .....	40

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>AS “REGRAS” PARA TORNAR-SE MULHER: A MENSTRUACÃO E A PUBERDADE</b> .....	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>CONTROLE DO CORPO FEMININO ATRAVÉS DA BUSCA PELA JUVENTUDE</b> .....	<b>29</b>
<b>3.1</b>	<b>Dentro das “regras”: a juventude e a beleza</b> .....	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b>Na “intimidade” do corpo feminino: juventude e higiene</b> .....	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que deu origem a este trabalho, relaciona os campos da história do corpo, dos estudos de gênero e sexualidade, utilizando como fonte histórica periódicos que circularam no Brasil na primeira metade do século XX.<sup>1</sup> Busco aqui apresentar e discutir como nas *Revista da Semana* e *Fon-Fon*, entre as décadas de 1930 a 1950, as narrativas discursivas criavam normas, valores e significados ligados aos corpos das mulheres; mais particularmente, procuro observar como as questões orgânicas e fisiológicas eram abordadas, em especial quanto ao útero, e associadas à necessidade de manutenção da saúde, beleza e da juventude, procurando estabelecer hábitos e condutas que estariam alinhados aos papéis sociais idealmente estabelecidos para o feminino.

Para início de conversa, importante situar que a história das mulheres está fundamentalmente interligada com a luta do movimento feminista no século XX. A partir dos questionamentos da universalização masculina na sociedade que não as representavam, iniciou-se a reivindicação da categoria “mulher” no seio das campanhas feministas. Com o passar do tempo e avanço das lutas e pesquisas, a categoria no singular já não dava conta de pensar as mulheres em sua pluralidade, alterando o termo “mulher” por “mulheres”, procurando incluir as mulheres nas narrativas históricas e expor as diversidades presentes nesta categoria. (PEDRO, 2005)

Das reflexões e análises acerca da categoria mulheres emerge a categoria gênero nas últimas décadas do século XX, e dentro da escrita da História das mulheres, instituiu-se e passou a ser utilizada a perspectiva do gênero como categoria de análise histórica. Segundo Pedro (2005, p. 86), “assim como, no movimento feminista, foi do interior da categoria mulheres que surgiu a categoria gênero, foi também entre as historiadoras que estavam escrevendo sobre história das mulheres que a categoria de análise ‘gênero’ passou a ser utilizada.”

O gênero se constitui como elemento construtivo das relações sociais, sendo caracterizado como uma construção ideológica e social, ligada à política, à cultura e às relações de poder que permeiam esses âmbitos. E apesar da resistência do campo historiográfico acerca da legitimidade acadêmica da categoria de gênero (SCOTT, 1988), nessa pesquisa a categoria

---

<sup>1</sup> Pesquisa relacionada ao Projeto Pibic/UEPB: “Os males que vem do útero: corpo e sexualidade das mulheres em impressos” (1930-50), cota 2021/22, sob a orientação da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alômia Abrantes da Silva (DH/CH/Campus III). Premiada em primeiro lugar na área de Ciências Humanas, no XXIX Encontro de Iniciação Científica – ENIC, realizado no 2º Congresso Universitário da UEPB.

de gênero é proposta como base para a análise, relacionada ao corpo em uma perspectiva da História Cultural. (BARROS, 2003)

O corpo tem se evidenciado como objeto de estudo nos mais diferentes campos do conhecimento. Este é perpassado pelos aspectos de cada época, de cada grupo social e de cada cultura, é resultado temporário de várias pedagogias que o constituem, adquirindo diferentes sentidos ao ser atravessado por um poder regulador e disciplinar, estabelecendo obrigações, restrições e permissões, incorporando convicções e princípios que conduzem determinada sociedade, podendo sofrer mudanças conforme as transformações ocorridas no meio social. (RODRIGUES, 1979)

Através do gênero como categoria analítica, podemos identificar os discursos e os mecanismos utilizados para construir, manter e legitimar as hierarquias generificadas. Guacira Louro (2008) afirma que a construção do gênero e da sexualidade se dá através de diversas práticas e aprendizagens, nas quais as mídias e tecnologias contemporâneas atuam como potentes pedagogias culturais. Com esta perspectiva, voltei-me então ao estudo dos impressos para compreender como a partir deles discursos eram operacionalizados na construção de sentidos para os corpos das mulheres, marcados pelas concepções de gênero.

Antes de apresentar minhas fontes, é também importante lembrar que a legitimidade e uso da imprensa como fonte histórica é algo relativamente recente em nosso ofício. Foi especialmente a partir do movimento dos Annales no Ocidente, que se ampliou o cenário de atuação da história e também a concepção de fontes históricas. A interdisciplinaridade defendida por Marc Bloch e Lucien Febvre, abriu caminhos a partir de então para um acréscimo de novas fontes à pesquisa histórica:

É consenso entre os historiadores o reconhecimento dos avanços teóricos e metodológicos proporcionados pela Escola dos Annales. Sejam os que defendem a primeira, segunda, ou terceira geração, todos, não há dúvidas, reconhecem a sua importância para o avanço da pesquisa histórica. (BARBOSA, 2018, p. 38)

Nessa conjuntura, de ampliação do arquivo dos historiadores e da ampliação da concepção de fontes históricas, hoje podemos utilizar periódicos como documentos. O uso de periódicos para produção de conhecimento histórico é potencializador. A análise de um documento relacionado à comunicação torna possível o conhecimento e uma compreensão mais ampla de determinadas questões ou aspectos de uma sociedade, visto que as mesmas têm um alcance extenso na comunidade, com a capacidade de conseguir influenciar e mesmo formar as pessoas, produzindo saberes, convicções e crenças; assim, a imprensa permite identificar ideias

dominantes, costumes e questões que estavam sendo desenvolvidas na época abordada, pois é um produto que a própria sociedade gerou em conformidade com as relações de poder que então vigoravam. Não se deve, portanto, esquecer que assim como todos os outros documentos, esses também não são documentos neutros, estão associados às relações de poder junto com as forças políticas e econômicas que compõem a sociedade.

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideais, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. (LUCA, 2008, p. 140)

Essas relações de poder são melhor compreendidas na direção do que pensa Foucault (1979) sobre o poder não ser somente repressivo, mas também produtor de saberes e verdades. Nesta perspectiva, o estatuto de verdade é influenciado e mesmo produzido pelo poder, podendo assim, sofrer também com alterações dependendo do espaço ou tempo em que está sendo situado. Portanto, o poder possui uma ligação direta com a fabricação do que se é considerado verdadeiro em um corpo social. Com esta perspectiva, a imprensa nesta pesquisa se caracteriza como um espaço de inscrição das relações de poder, tornando-se produtora de discursos sobre os corpos das mulheres, gerando valores, normas, condutas e significados atrelados às concepções do feminino.

Foi então com estes nortes que procurei prescrutar a *Revista da Semana* e a *Fon-Fon*. A *Revista da Semana* foi fundada por Álvaro de Tefé na cidade do Rio de Janeiro. Seu lançamento foi no dia 20 de maio de 1900, e logo foi apresentado o que a revista almejava, que era oferecer aos seus leitores informações interessantes e ilustrações. Seguidamente, o *Jornal do Brasil*, comprou a revista concedendo espaço para a literatura, todavia, no ano de 1915, a *Revista da Semana* foi vendida para Aureliano Machado, Artur Brandão e Carlos Malheiro Dias, desde então, como outras revistas do período, a mesma estabeleceu um espaço que se dedicava especialmente ao público feminino, englobando aspectos que eram considerados do universo da mulher. E em 1959, a revista saiu de circulação. (DANTAS, 2010b)

A revista *Fon-Fon* também possuía uma grande ligação com as ilustrações, apesar de que em 1930 foi perdendo espaço para as fotografias. Fundada no Rio de Janeiro em 13 de abril de 1907 por Jorge Schmidt, o mesmo também era editor-proprietário de mais duas revistas, a *Kosmos* e a *Careta*, e decidiu fundar a *Fon-Fon* almejando uma publicação mais rápida e mais rentável do que a sua revista luxuosa, a *Kosmos*. A *Fon-Fon* se identificava com os princípios da modernidade, deixando transparecer em seus volumes publicados. Sendo uma revista leve,

com objetivos de divertir, alegrar e espairecer os seus leitores. A partir dos anos de 1930, ano inicial da pesquisa que aqui será apresentada, a *Fon-Fon* também atribuiu espaço para os assuntos relacionados à figura feminina e a propagação de estereótipos de comportamento e de beleza. O último volume publicado dessa revista foi em agosto no ano de 1958. (DANTAS, 2010a)

A análise desses documentos ocorreu através da Biblioteca Nacional Digital Brasil. Sendo feito uma seleção de seções, anúncios e publicações das décadas de 1930 a 1950, que possuam narrativas discursivas atreladas aos valores e significados associados ao corpo das mulheres, as questões fisiológicas, em particular ao útero, sendo associadas à necessidade de manutenção da juventude, beleza e da saúde, onde eram estabelecidas condutas e hábitos entrelaçados com o controle do corpo e da conduta de vida feminina.

Como já exposto, assim como outras concorrentes do período, tanto a *Revista da Semana*, quanto a *Fon-Fon*, passaram a se dedicar ao que era considerado ‘universo feminino’, afim de conquistar esse público em específico. Em suas páginas eram abordadas temáticas relacionadas a este universo, no qual essas questões estavam principalmente ligadas aos corpos das mulheres, seja relacionado a juventude, a beleza, a saúde, a doenças, a maternidade, a higiene, dentre outros aspectos, sempre ligando os mesmos ao órgão exclusivo do sexo feminino, o útero.

Nesta polifonia de sentidos, escolhi então observar mais de perto como o corpo das mulheres eram abordados nos anúncios publicados nestas revistas, como se estabelecia uma relação da saúde delas com juventude, a beleza e a higiene, baseada e fundamentada principalmente através de discursos sobre seu aparelho reprodutor, em especial, o útero. Nisto, é também relevante dizer que, no caso dos anúncios, lidamos com narrativas imbuídas do caráter de persuasão, que implica a intenção de fazer o outro aceitar uma determinada ideia, uma espécie de conselho que está no centro da própria etimologia da palavra *per+ suadere* – aconselhar: “Essa exortação possui um conteúdo que deseja ser verdadeiro: alguém “aconselha” outra pessoa acerca da procedência daquilo que está sendo enunciado”. (CITELLE *apud* SANTOS, 2003, p. 87). Nesta operação de linguagem, sentidos de verdade são elaborados e procuram estabelecer valores e hábitos que não se restringem ao consumo do produto anunciado, mas das ideias e concepções ali implicadas. (SANTOS, 2003)

No primeiro capítulo, *As “regras” para tornar-se mulher: a menstruação e a puberdade*, busco abordar a puberdade iniciada pela menstruação como o início de uma nova

etapa na vida das jovens mulheres. Dando ênfase no quanto a puberdade feminina era indagada e na intensa necessidade de conhecer todas as transformações que advém as diferenças sexuais das mulheres, adentrando através de Thomas Laqueur (2001), no debate sobre sexo e gênero, apresentando nessa conjuntura, a origem do pensar das diferenças sexuais. Demonstro por meio da análise dos periódicos, como essas diferenças se tornaram funcionais para tentar sancionar a inferioridade feminina e conseqüentemente a hierarquização de gênero, através das especificidades femininas, como a menstruação e através do órgão governador do ser feminino, o útero.

No segundo capítulo, *O controle do corpo feminino através da busca pela juventude*, procuro abordar mediante a análise dos periódicos aqui estabelecidos, a caracterização da juventude como uma necessidade feminina, se transformando em um mecanismo de controle do corpo e da vida da mulher. Associada com a beleza pretendo demonstrar através de Naomi Wolf (2018), como o mito da beleza e a característica de “ser bela”, fazem parte desses mecanismos de controle, almejando a permanência das mulheres nos papéis sociais estabelecidos. Apontando também como o ser jovem e bela se associavam ao estado de saúde feminino, representado e conduzido pelo órgão que dava identidade à mulher, o útero.



## 2. AS “REGRAS” PARA TORNAR-SE MULHER: A MENSTRUACÃO E A PUBERDADE

A fase da puberdade iniciada pela menstruação, marcava uma nova etapa na vida feminina. Apesar dos homens também passarem por esse período, a ênfase dada era na puberdade feminina, conseqüentemente, dando a entender que só a mulher se diferenciava e por isso era gerada a necessidade de conhecer todas as transformações que resultam na diferença sexual feminina. (MARTINS, 2004, p. 156)

Para compreender melhor esse debate é necessário adentrar no âmbito da discussão histórica acerca de sexo e gênero, pois ambos estão estreitamente interligados e irão proporcionar um melhor entendimento para com esse campo das diferenças. Explicar o sexo antes do século XVIII, quando se acreditava que existia apenas um, ou mesmo após a afirmação de que existiam dois sexos, só é possível a partir de uma perspectiva de gênero, juntamente com as relações de poder:

[...] quase tudo que se queira dizer sobre sexo - de qualquer forma que o sexo seja compreendido - já contém em si uma reivindicação sobre o gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder. (LAQUEUR, 2001, p. 23)

Até o século XVIII, vigorava o modelo de pensar a existência de apenas um sexo, sendo assim, considerava-se que mulheres e homens possuíam exatamente a mesma formação orgânica no qual a diferença que se estabelecia era somente na localização das genitálias, que no caso das mulheres era no interior do corpo. E durante o período que essa forma de compreender o corpo era presente, só existindo apenas um sexo, o gênero era apresentado pelo menos de duas formas diferentes, quente/frio, ativo/passivo/ com forma/sem forma, em outras palavras, haviam pelo menos dois “sexos sociais”, no qual as obrigações e os direitos eram intensamente dissemelhantes. Por isso o debate aqui sobre gênero é relevante, pois como afirma Laqueur (2001, p. 75) “Historicamente, as diferenciações de gênero precederam as diferenciações de sexo.”

Era afirmado que as mulheres seriam homens virados para dentro, possuindo uma inexistência de calor vital, relacionado a perfeição, e por esse motivo as estruturas que no homem eram vistas externamente, na mulher ficaram retidas no seu interno. Homens e mulheres nesse modelo de apenas um sexo, eram classificados de acordo com esse grau de perfeição, e

as mulheres por serem desprovidas do calor vital ligado a perfeição, eram consideradas inferiores.

Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que - como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV - "a delas fica dentro do corpo e não fora". Galeno, que no século II d.C. desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo da identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital - de perfeição - resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa. (LAQUEUR, 2001, p. 16)

Esse modelo, como já se sabe, foi modificado. E como já é nítido, durante um período o discurso dominante era o de existência de apenas um corpo, e depois foi substituído pelo discurso da existência de dois corpos distintos um do outro, essa mudança não foi consequência das vastas descobertas, ela foi estabelecida fora da área empírica, afastada da experiência. Pois, nos progressos que estavam ocorrendo no século XIX, era possível se ter indícios para que o modelo antigo fosse sustentado. Todavia, não se tinha interesse em tentar manter o modelo antigo em ascendência, o relevante era buscar comprovações da existência de dois sexos diferentes, dar ênfase nas diferenças corporais entre mulheres e homens, visto que a busca por essas diferenças tinha um objetivo maior, elas se tornaram politicamente relevantes ligadas às relações de poder e de gênero.

Por outro lado, só houve interesse em buscar evidência de dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, quando essas diferenças se tornaram politicamente importantes. Só em 1759 é que alguém se importou em reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia para ilustrar suas diferenças do esqueleto masculino. Até essa época havia uma estrutura básica do corpo humano, e essa estrutura era masculina. E quando as diferenças foram descobertas elas já eram, na própria forma de sua representação, profundamente marcadas pela política de poder do gênero. (LAQUEUR, 2001, p. 21-22)

E assim, como já afirmado aqui, através da teoria de Foucault (1979), a verdade é produzida e se institucionaliza pelo poder. No âmbito relacionado ao corpo não é diferente, as verdades relacionadas ao corpo e a sexualidade humana são parte de algo maior, parte das lutas sociais, morais e políticas que atravessam as sociedades.

No modelo de pensar na existência de somente um sexo, mesmo com a afirmação de semelhança corporal, a estrutura hierárquica conseguia se manter de maneira cultural através do discurso de gênero. E após a mudança de pensamento e a afirmação de que os corpos femininos e masculinos eram incomensuravelmente diferentes, a consolidação dessa hierarquia se dava através de um único âmbito, o âmbito da natureza. Logo, os órgãos reprodutivos passam

a ser bases para a hierarquia social fundamentada agora pelas diferenças, as especificidades femininas, como a menstruação serviam para tentar legitimar a subalternização feminina, em outras palavras, o trabalho cultural executado pelo gênero, não era mais necessário, pois a própria natureza referente ao sexo iria agora executar essa função. Através da natureza foi justificado o porquê de os homens estarem aptos a comandar e as mulheres a obedecerem e serem subordinadas.

As diferenças se tornaram evidentes e funcionais. As ciências biológicas juntamente com a fisiologia e a anatomia se dedicaram a procurar as diferenças sexuais almejando justificar e afirmar as desigualdades de gênero na esfera privada e pública. As buscas pelas diferenças sexuais não ficaram restritas aos órgãos reprodutivos, pois era afirmado que o sexo era refletido em casa nervo, osso, músculo e até mesmo na química do corpo.

E nesse cenário, uma enorme fabricação de discursos relacionados a mulher e a sua sexualidade foi gerada entre os séculos XVIII e XIX. Os médicos estavam preocupados em desvendar os “mistérios” que rodeavam o sexo feminino e esse novo universo, no qual nota-se nos próprios periódicos, como na afirmação de uma publicação que diz “a mulher contém o problema social e o mysterio humano”,<sup>2</sup> ou a associação da mulher a uma “tragédia biológica feminina”,<sup>3</sup> e até mesmo a afirmativa de que apesar do estatuto social feminino subir, a natureza não quis tirar a escravidão da mulher, que no caso seriam as suas funções peculiares, sendo assim, nenhuma mulher é considerada perfeitamente normal do ponto de vista dos seus incômodos mensais.<sup>4</sup>

A vasta produção de saberes e práticas se estabeleceu na intitulada Medicina da Mulher, formada por duas especialidades, a obstetrícia e a ginecologia, focadas na análise do potencial reprodutor da mulher e nos órgãos sexuais. Os médicos particularmente no século XIX, começaram a usufruir de grande prestígio social, além de representarem a ciência, eles eram considerados patronos do bem-estar, formando uma pastoral moderna, como intitula Ana Paula Vosne Martins (2004, p. 15). Pastoral essa focada no âmbito familiar e mais especificamente na mulher.

Sendo assim, a medicina não só atuou no campo dos estudos das particularidades ligadas às mulheres, das doenças ginecológicas ou da sua capacidade reprodutora, mas adquiriu um

---

<sup>2</sup> Encontrado na Revista da Semana (1940, ed.033, p. 35)

<sup>3</sup> Conforme o anúncio intitulado de “Tragedia feminina”, na Revista da Semana (1950, ed.042, p. 50)

<sup>4</sup> Segundo o anúncio do Ovariuteran, intitulado de “Escrava...”, na Revista da Semana (1937, ed. 016, p. 50)

outro papel, acentuou os discursos ideológicos das diferenças de gênero, definindo o lugar social e a função feminina tendo por base a natureza de seu corpo, em outras palavras, fundamentando a diferenciação dos papéis sociais.

A partir daí diversas conclusões foram sancionadas e tomadas com relação às mulheres. As doenças das mesmas eram mais difíceis de tratar, pois sempre vinham acompanhadas de um pesar profundo, intenso sofrimento e nervosismo, além de serem manifestações da sua própria natureza, ou seja, a mulher é doente por ser mulher; a maternidade determinada como a função na qual as mulheres foram destinadas, pois através dos discursos médicos era exclusivamente para exercer essas função que o corpo feminino era preparado e moldado; a menstruação era impura, podendo gerar a loucura menstrual, caso a mulher não evitasse práticas que contrariassem a sua fragilidade; o estabelecimento de diversas atividades que poderiam resultar em doenças terríveis; o casamento e a gravidez como terapia no combate as doenças; a associação uterina a maior parte das doenças; a histeria no comportamento; a puberdade como um período propício a diversas e intensas enfermidades; a dominação da mulher pelo seu próprio sexo, no qual sua organização tanto física, quanto psicológica, estaria relacionadas ao órgão símbolo exclusivo do feminino, o útero.

Essas conclusões firmaram as relações de poder e controle social, transformando o corpo feminino em um campo desse controle, determinando papéis e comportamentos que deviam serem realizados pelas mulheres, o papel maternal, o de manter o lar e o casamento felizes, o de preservar a juventude e a beleza, neutralizando os fatores da velhice para se manter jovem, saudável e bela para alcançar a felicidade conjugal, dentre outros, além de definir as atividades que as mulheres poderiam praticar, tudo propagado de maneira cultural através dos meios de comunicação em massa, e no caso deste trabalho, através de periódicos, mais especificamente por meio dos dois já citados, a *Revista da Semana* e a revista *Fon-Fon*.

Desde o século XVIII, como já salientado, os corpos não foram mais caracterizados como semelhantes, mas como distintos um do outro (LAQUEUR, 2001). No qual, no centro dessas diferenças se fixou o útero, classificado como órgão exclusivo do ser feminino. Como nos mostra Freitas (2008, p. 174): “o útero constituiu-se, a partir desta leitura, como órgão exclusivo do sexo feminino.”.

No entanto, o útero não somente era o órgão exclusivo da mulher, mas sim aquele que dava identidade a mesma, onde além de controlar toda a sua organização física, também controlava a sua organização psicológica. Ademais, o útero era diretamente associado com a

patologia, dessa forma, o órgão governador do ser feminino também se tornava a grande fonte de diversos males que poderiam vir a acometer a mulher, como afirma Rohden (2001, p. 141): “É quase como se a condição de mulher, por sua própria natureza, beirasse a patologia.”. Melhor dizendo, o corpo feminino por natureza é relacionado a alterações, distúrbios e anomalias, transitando nos limites das fronteiras entre a sua fisiologia e a patologia, entre a ordem e o descontrole. Logo, o corpo e a sexualidade feminina deveriam ser controlados, reforçando o discurso de que a mulher deveria permanecer sob o controle e a tutela masculina.

**Figura 1** – Não sofra (Regulador Gesteira)

## Não Sofra

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cãncas, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arroto Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Sublicos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

### Use Regulador **Gesteira**

**REGULADOR GESTEIRA** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

**Comece hoje mesmo**

a usar Regulador **Gesteira**

Fonte: Revista Fon-Fon, 1933, ed.025, s/p

Através dos periódicos, principalmente dos anúncios, pode-se notar como esses discursos tomam forma e se projetam na sociedade. Acima, o anúncio do Regulador Gesteira, deixa nítido o quanto as propagandas vinham acompanhadas dos nomes dos diversos males que eram sempre associados ao útero, pois segundo Sant'Anna (2014, p.34) “diferentemente da tendência da publicidade atual, naqueles anos, chamava-se a atenção do leitor com imagens sobre morte e doença.” Desta maneira, um enorme catálogo de doenças por todo corpo era apontado como causa do útero doente, o anúncio deixa evidente que a mulher pode está sofrendo de diversas enfermidades, no entanto, a causa é única, o útero doente, pois como o próprio controla toda a sua fisiologia, caso ele não esteja saudável, nenhum outro órgão na mulher estará tornando o útero como uma espécie de “espelho” da mulher.

Esses produtos anunciados, pela quantidade e frequência com que eram oferecidos indiciam uma onda de consumo entre as mulheres, pois se o seu órgão principal era naturalmente doente, ela deveria sempre fazer o uso de produtos, para que assim ele estivesse dentro de uma regularidade.

Outro fator abordado que os anúncios deixam transparecer é a fragilidade da sexualidade feminina, em que atividades hoje consideradas comuns, poderiam atingir o útero e gerar graves doenças.

**Figura 2:** Viajar (Regulador Gesteira)

## Viajar

Quando viajar a Cavallo, em Vapor, Automovel e Estrada de Ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar Sol ou Chuva, toda a vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma Colher de Chá de *Regulador Gesteira* e logo em cima Meio Copo de Agua!

Quando fizer alguma viagem, leve sempre em sua mala alguns Vidros de *Regulador Gesteira*.

Com os abalos do vapor ou da Estrada de Ferro, com o sol ou a chuva, molhando os pés, tomando-se banhos muito demorados, levando-se um grande susto ou tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte o Utero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser principio de uma Molestia Grave!

Por isso é de enorme prudencia e muito util tomar uma colher de chá de *Regulador Gesteira*.

Qualquer perturbação do Utero pode dar começo a Molestias perigosas e Males terríveis!

## Dançar

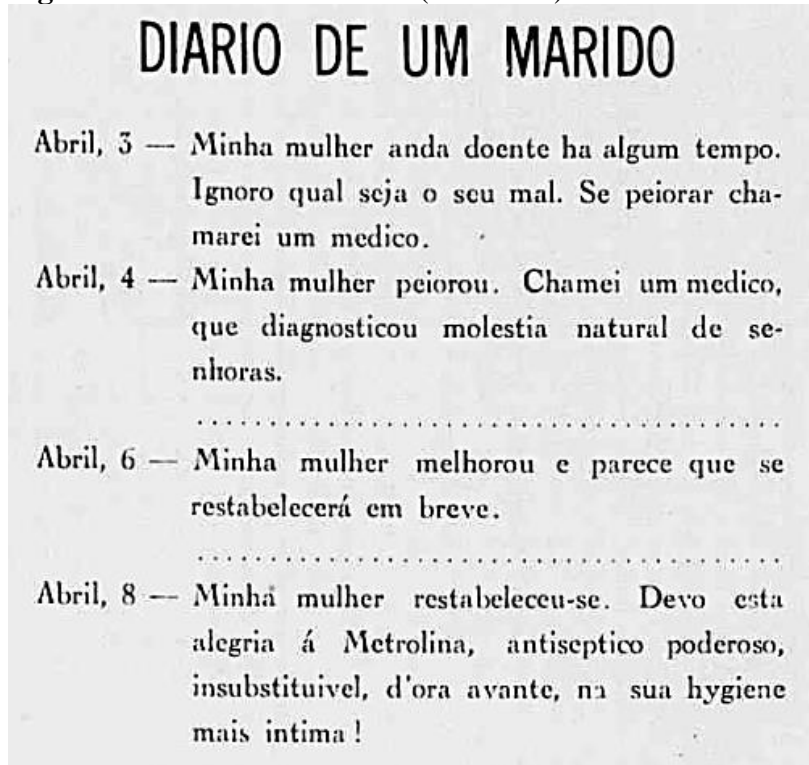
Depois de dançar, quando voltar das Festas e dos Bailes ou dos Teatros, depois que passear de Automovel, ao chegar em casa tome sempre uma colher de chá de *Regulador Gesteira*

Fonte: Revista da Semana, 1930, ed.041, s/p

Neste anúncio sobre o Regulador Gesteira, podemos encontrar a comprovação do quanto a sexualidade feminina era caracterizada como frágil e simples atividades como “apanhar sol ou chuva, molhar os pés, tomar banhos demorados em mares ou rios, e tomar uma grande contrariedade”, poderiam afetar diretamente na saúde do útero, originando terríveis males que poderiam acometer todo o corpo feminino. Através do mesmo anúncio, é possível notar também a associação da mulher a esfera privada, pois sair de casa para festas, bailes, teatros ou até mesmo passear em um automóvel exigiam da mulher que ao chegar em casa tomassem o Regulador Gesteira, ou seja, ações como essas poderiam causar desequilíbrios no seu corpo.

Os anúncios nos periódicos nos permitem confirmar que a ideia da patologia está naturalmente associada a fisiologia feminina, como se vê abaixo:

**Figura 3:** Diário de um marido (Metrolina)



**Fonte:** Revista da Semana, 1930, ed.031, s/p

Este anúncio da Metrolina torna possível perceber não só a confirmação de que a doença era algo natural das mulheres e que deveriam estar em regularização, mas também o poder da figura masculina, ao notarmos que o narrador é o marido da enferma. Apesar de ser esta uma circunstância mais esporádica se comparada as décadas anteriores, ainda se pode encontrar publicações nas quais existem referências ou são narradas pelos maridos, mesmo quando eram assuntos relacionados ao “universo feminino”, pois a mulher estava sob a tutela masculina, justificada através de sua fisiologia, como já salientado aqui. O que referenda a importância atribuída ao casamento, que veremos mais à frente.

Vale salientar que na propaganda a doença é denominada de “moléstia natural de senhoras”, ratificando que a patologia estava “naturalmente” presente no corpo feminino, conforme afirma Rohden (2001, p. 30) “Na medida em que são mulheres, são também doentes e são doentes porque são mulheres.”. O anúncio da Metrolina, mostra como isso se mantém e se confirma nos periódicos, um corpo que vive vulnerável às alterações, doenças, disfunções e



distúrbios, discursos esses utilizados para tentar justificar a subalternização feminina, ganhando maior suporte quando atrelado ao útero e suas especificidades.

A partir dessas narrativas expostas nos anúncios, é possível perceber a influência que o útero possuía sobre a vida das mulheres, sendo gerador de diversas doenças, confirmando a ideia de o corpo feminino definir-se através da sua fisiologia e patologia, no qual um grande exemplo dessa relação será a menstruação. Segundo Martins (2004, p. 40), “para cada fase da vida da mulher parecia ficar mais evidente para os médicos a íntima relação entre fisiologia e patologia. Talvez o melhor exemplo dessa relação seja a menstruação.”

A menstruação seria uma forma determinante de o útero demonstrar todo o poder que exercia perante a mulher e justificar a instabilidade feminina, e conseqüentemente, a subalternização, visto que, se o corpo da mulher é instável, seria mais uma prova que ele necessitava de controle. Dessa maneira, a menstruação correlacionada à patologia, confirmava ainda mais a ideia de que a mulher era governada pelo seu fisiológico e consumida pela sua sexualidade.

Figura 4: Faça a conta! (A saúde da mulher)

30 - 7 = ?

**Faça a conta!**

São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.

Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incomodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.

Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.

**A SAÚDE DA MULHER**

Fonte: Revista Fon-Fon, 1930, ed.003, p.56

Através deste anúncio do produto *A Saúde da Mulher* a palavra “irregularidades” é referente à menstruação, pois vale destacar que o uso da palavra “menstruação” não era comumente empregado. No caso desta propaganda, a utilização da palavra “irregularidades” dá ênfase a caracterização do corpo feminino ser classificado como irregular, além do mais, todos os conceitos utilizados em referência ao menstruar, são correlacionados a um intenso e inquestionável sofrimento, além de terríveis males, devido ao mau funcionamento de seus órgãos,<sup>5</sup> como por exemplo, crises mensais, regras, penosas crises, incômodos de senhoras, épocas dolorosas, dias críticos, entre outros. O evitar do uso da palavra menstruação, participa de preconceitos e tabus sobre o que deveria ser silenciado e mesmo desprezado no corpo

<sup>5</sup> Conforme o anúncio intitulado de “Neste mês vai sofrer outra vez?”, encontrado na Revista da Semana (1946, ed.016, p. 56)

feminino, que se mantêm até os dias atuais. Como nos coloca Fáveri e Marcon (2007, p. 59), “essa maneira segredada e codificada de falar da fisiologia feminina não advém necessariamente de desconhecimento, mas é prática cultural e está inclusa numa lógica específica de pensar as mulheres.”.

Destaca-se também nesse anúncio, a hipótese de eliminar esses “7 dias” de sofrimento, pois são considerados dias perdidos na vida da mulher, visto que neles não se consegue manter o bem-estar, nem mesmo a alegria de viver. Como afirma Sant’anna (2014, p. 82), “foi ao longo da década de 1930 que a alegria e o bem-estar iniciaram uma carreira de sucesso na propaganda.”. Dessa forma, o anúncio traz consigo a afirmação de que ao a mulher eliminar esses dias, estará eliminando as enfermidades uterinas, e vale ressaltar principalmente, a promessa do asseguramento de mais sete dias na existência da mulher, gerando a ideia de que durante a menstruação a mulher perde a sua existência, deixando assim, de existir. Ademais, o uso do produto deve ser permanente, pois as patologias (enfermidades uterinas e a menstruação), assim como já exposto, fazem parte da fisiologia feminina.

Com base nesses discursos, a menstruação era mais um dos mecanismos biológicos para sancionar a hierarquização dos gêneros, fortalecendo a ideia de que a mulher estava sempre submissa ao seu corpo, por ser um corpo instável, vivendo em uma dependência patológica, entre as fronteiras dessa patologia e de sua própria fisiologia.

Dessa forma, as mulheres não podiam escapar de seu destino biológico, cíclico e ‘sangrento’, enquanto seus companheiros de espécie, por não dependerem da ação de seus órgãos reprodutivos, podiam dar asas à racionalidade, escolher, individualizar-se, enfim, usar o corpo como instrumento de transcendência. Para as mulheres, portanto, só restava a imanência de seus corpos instáveis e saturados de sexualidade. (MARTINS, 2004, p. 167)

A menstruação marca uma nova etapa na vida das jovens mulheres, através da fase da puberdade. A puberdade cobrava uma mudança e uma nova posição da menina de forma repentina, independentemente da idade ou da situação, agora ela deveria abandonar de maneira abrupta os comportamentos que até então estava acostumada e amadurecer, se modificar e ingressar no modelo feminino estereotipado, pois as cobranças eram contínuas. O almejado era que agora se comportassem como “moças”, a introdução ao novo universo era imprescindível, universo este separado do universo racional dos homens, sancionando a ideia de que a mulher estaria ligada à sua natureza de cuidado e subalternização, conseqüentemente destinada a viver na esfera privada e o homem ligado à lógica, ao controle e à racionalidade, destinado à esfera pública.

A vida das mulheres passou a ser descrita como uma sucessão de fenômenos fisiopatológicos. Assim, se durante a infância nada apontava para diferenças consideráveis entre meninas e meninos, a não ser aquelas decorrentes da educação, após a puberdade, os médicos referiam-se a um verdadeiro universo feminino, totalmente à parte do mundo racional dos homens. (MARTINS, 2004, p. 40)

Os homens também passavam pela fase da puberdade, mas como já salientado, o foco eram as diferenças que essa fase gerava na vida da mulher, dando a entender que apenas a mulher se diferenciava. Os homens, não tinham que sofrer constantes cobranças para que amadurecessem e se encaixassem de forma imediata em um modelo de “ser homem”, pois não se tinham um momento específico que determinasse isso, o seu corpo não era alvo de cobranças estabelecidas por um momento. Não ocorriam exposições nas teses e nos livros, relacionadas ao momento em que o menino passava a ser homem, causando assim, como já salientado, a impressão de que só a mulher se diferenciava e por esse motivo, gerava a necessidade de conhecer todas as transformações que derivavam a diferença sexual feminina. (MARTINS, 2004)

A puberdade não era somente o período no qual as diferenças se acentuavam e se era cobrado das meninas uma nova maneira de ser e de se comportar, mas também um período cercado por medos e receios, como aqui se enuncia:

**Figura 5:** Mocidade... (Fandorine)



*"... eu temia para minha filha a época da puberdade. Receiava que seu organismo delicado não resistisse a tão dura prova. Aconselhada pelo medico, ministrei-lhe a FANDORINE, que produziu excellentes resultados. Apreço-me em manifestar a vossa casa a minha immensa gratidão...."*

Maria Luizo G.  
Professora publica.

**FANDORINE**  
favorece a formação, cura as regras irregulares e dolorosas, suppre a insuficiencia ovariana.  
combate: metrites, perdas, ovarites e leucorrheas.

é um producto CHATELAIN  
A MARCA DE CONFIANÇA  
Caixa Postal 624 - Rio

**Fonte:** Revista Fon-Fon, 1934, ed. 035, p. 59

Através deste exemplo de anúncio da Fandorine, nota-se que a puberdade é considerada como uma “dura prova”, sendo exposto que o organismo delicado dessas meninas poderia então, não sobreviver, gerando temor e apreensão nas mesmas, a análise da propaganda nos permite notar que era uma época cercada de apreensões e medos, no qual o corpo feminino iria passar por diversas mudanças, inclusive, o risco de desenvolver diversas enfermidades e a possibilidade de a jovem moça não conseguir sobreviver; essa preocupação eram também compartilhada com as mães, no qual podemos ver o anúncio sendo narrado por uma, onde, nesse cenário, tinham um papel importante, de estar sempre atentas nesse momento delicado e difícil para a sobrevivência da menina.

[...] a puberdade era um período propício à ocorrência de várias enfermidades, resultantes da própria fragilidade feminina. Esta circunstância requeria uma especial atenção materna, particularmente em matéria de higiene, e um conhecimento rigoroso dos valores da menstruação (fluxo, quantidades, composição e duração). (ESTEVES, 2021, p. 258)

Esse momento de temores e medos na vida da nova mulher, era também o início das cobranças que a acompanhavam, agora era necessário exercer todos os cuidados com esse corpo fértil e reprodutor. As mulheres adentravam em um mundo de cobranças, no qual elas deveriam estar dentro dos ideais estabelecidos pelos discursos narrativos da sociedade. Inclusive, dentro dos padrões de juventude e beleza que lhes eram exigidos, para que assim pudessem através do casamento, realizar o seu destino natural, a maternidade, além de demonstrar saúde e higiene íntima por meio desses aspectos.

### 3. CONTROLE DO CORPO FEMININO ATRAVÉS DA BUSCA PELA JUVENTUDE

Numa concepção ocidental e marcadamente eurocêntrica, o homem é associado não somente à razão, mas também a perfeição, como a própria ideia do calor vital procura demonstrar, já a mulher, carente do calor vital, é um ser inferior. Não somente esse discurso foi gerado para sancionar a inferioridade feminina ou o controle do seu corpo e da sua sexualidade, mas diversos outros, especialmente fundamentados na interpretação da natureza feminina, alegando que por natureza a mulher é um ser que exige um controle, perpassada por mistérios e descontrole.

Desde a Grécia Clássica observamos a mulher enquanto símbolo maior da carne e da matéria, representando a putrefação e o fim, ao passo que o homem relaciona-se à espiritualidade, sendo considerado o portador de um caráter superior perturbado pela natureza feminina. A mulher é, em sua essência, instintiva, dionisíaca, e o homem, racional, apolíneo. (LIEBEL, 2004, p. 12)

O corpo e a natureza feminina são comumente utilizados como base argumentativa e de justificativa dos discursos que formulam os valores e os significados que a sociedade deseja empregar como modelo para que a mulher possa seguir.

Dentro da conjuntura de controle, regras, protótipos e prescrições do ‘universo feminino’ a serem seguidos a partir da puberdade está a conservação da juventude estética. Um dos fatores cobrados e que está muito presente na associação com o corpo feminino é a juventude, mais especificamente a juventude em associação com a estética do corpo. Dessa forma, o corpo se torna lugar de controle nesse âmbito também, ligando, em especial, as mulheres a padrões estéticos e à busca pela juventude eterna.

Para Paris, a capital da França, quando se tratava da atenção relacionada à aparência, a mesma estava sempre à frente, o Brasil influenciado pelas novas descobertas de valorização do aspecto da juventude refletia essa nova preocupação nas mídias e nas propagandas e com início da década de 1880, a aparência jovem foi cercada de grande relevância dentro do cenário da propaganda da imprensa. Segundo Sant'Anna (2014, p. 22 e 23), “a proclamação da República teria nascido sob o signo do combate à velhice. Diferentemente da elite monarquista, o poder da mocidade republicana não era necessariamente sustentado pelos laços de sangue e pela tradição.”

O intenso enaltecimento à juventude adquiriu um relevante espaço no universo das propagandas, diversos cosméticos, várias mensagens e dicas, faziam parte dessa conjuntura de

busca pela eterna juventude. Nas páginas dos impressos se via as inúmeras propagandas valorizando a aparência jovem, principalmente voltadas à beleza feminina. Não é que o homem não tenha preocupação com a juventude e a beleza, este não é o caso, mas sim a forma com que esses aspectos estão atrelados ao feminino como uma obrigação de vida, toda mulher, sem exceção, deve possuir juventude, beleza e elegância. Não para agradar a si mesma, mas sim a figura masculina. E como o desejo da busca pela juventude pode ser utilizado como ferramenta catalizadora para controlar outros âmbitos relacionados à vida das mulheres.

### **3.1. Dentro das “regras”: a juventude e a beleza**

No Ocidente, como se sabe, a juventude possui uma íntima ligação com a beleza e, como já salientado, ambas estão vigorosamente inseridas no universo de cobranças ao feminino. A beleza, em diversas épocas e culturas, é um valor associado às mulheres; de acordo com os referenciais de cada contexto, comumente exige-se que as mulheres devem possuir beleza, sendo esta uma condição necessária e também justificada no campo natural por ser classificada como biológica, sexual e evolutiva. Historicamente em várias culturas, os homens almejam mulheres consideradas belas nos padrões estabelecidos de sua época, e discursos são gerados para a valorização da beleza feminina, como a associação da mesma com a reprodução, assim dizendo, mulheres conceituadas como belas tinham mais êxitos na reprodução.

O mito da beleza tem a seguinte história a contar. A qualidade chamada “beleza” existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher precisa corresponder à sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável. (WOLF, 2018, p. 26)

A teoria da beleza como uma função evolutiva das espécies e a sua associação com a reprodução foram derrubadas e como Naomi Wolf afirma, a ideia da beleza relacionada a mulher por uma questão biológica, é um discurso que assim como o discurso de sexo e gênero está imerso nas relações de poder e em diversos interesses sociais, políticos e econômicos. Dessa forma, o “mito da beleza” relaciona o corpo das mulheres ao controle e as expectativas sociais.

[...]. Ele alega dizer respeito à intimidade, ao sexo e à vida, um louvor às mulheres. Na realidade, ele é composto de distanciamento emocional, política, finanças e repressão sexual. O mito da beleza não tem absolutamente nada a



ver com as mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional dos homens. As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência. (WOLF, 2018, p. 27)

Conforme as mulheres foram gradativamente adquirindo um espaço de autonomia, o mito da beleza se firmava no início do século XIX, com o objetivo de conter essas mulheres. Segundo Wolf (2018, p. 24), “à medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social.”

Todavia, não se teve uma ruptura ou um momento em específico no qual a domesticidade virtuosa parou de ter valor e foi substituída pela beleza virtuosa, ou seja, a atuação de uma não quer dizer que a outra foi anulada, mas o que de fato ocorreu foi uma junção das mesmas. Logo, tanto a necessidade de se encaixar na domesticidade virtuosa, a imagem de uma boa esposa, cuidadora do lar e dos filhos, quanto a necessidade de possuir um ideal de beleza conforme os padrões, se uniram como pilares do controle social do feminino. A beleza não estava apenas associada com a aparência, mas assim como a domesticidade valorizada, pretendia determinar o comportamento das mulheres.

Os periódicos aqui analisados nos trazem exemplos de como a juventude e a beleza estavam atreladas ao controle social do comportamento e do corpo das mulheres. Principalmente nos anúncios, ao passo que se apresentam produtos para regular o ciclo das mulheres, para ajudá-las na vida de púberes e adultas, mantendo o útero saudável, muitos destes apresentam também o objetivo de garantir a juventude e a beleza feminina.

Como já afirmado, o objetivo principal da juventude e da beleza feminina exposto nos anúncios não é para agradar a mulher própria, mas sim a figura masculina, esses aspectos estavam voltados sempre para contentar o homem. Cada anúncio sancionava a ideia de que a mulher deveria ser jovem, bela e elegante para agradar o homem. As moças deveriam conservar sua mocidade, sua elegância e beleza, por ser aspectos que agradavam aos homens e deveriam se manter assim na idade de se casar e após o casamento.

O casamento, era algo super valorizado, tanto que as pessoas que não conseguiram se casar eram classificadas como infelizes, como nos mostra Sant’Anna (2014, p. 87), “ora, solteironas e solteirões representavam uma tristeza sem fim.”. E como em diversos outros

âmbitos essa cobrança era ainda mais vigorosa quando se tratava da figura feminina, pois o casamento levaria a mulher ao que ela estava predestinada, a esfera privada, ao cuidado do lar e principalmente ao seu destino natural e incontestável, a maternidade.

**Figura 6:** Ser mãe (Gottas Salvadoras)



**Ser Mãe**  
é a mais sublime missão da mulher.  
Não ha mais razão para temer os soffrimentos do parto si fôrem usadas as "GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES" durante o ultimo mez da gravidez. Ha 30 annos medicos illustres e parteiras abalizadas, dellas fazem os maiores elogios.

Em todas as pharmacias e nos distribuidores:  
Araujo Freitas & Cia., Ourives, 88 - Rio de Janeiro

**GOTTAS SALVADORAS**  
DAS PARTURIENTES - DO DR. VAN DER LAAN

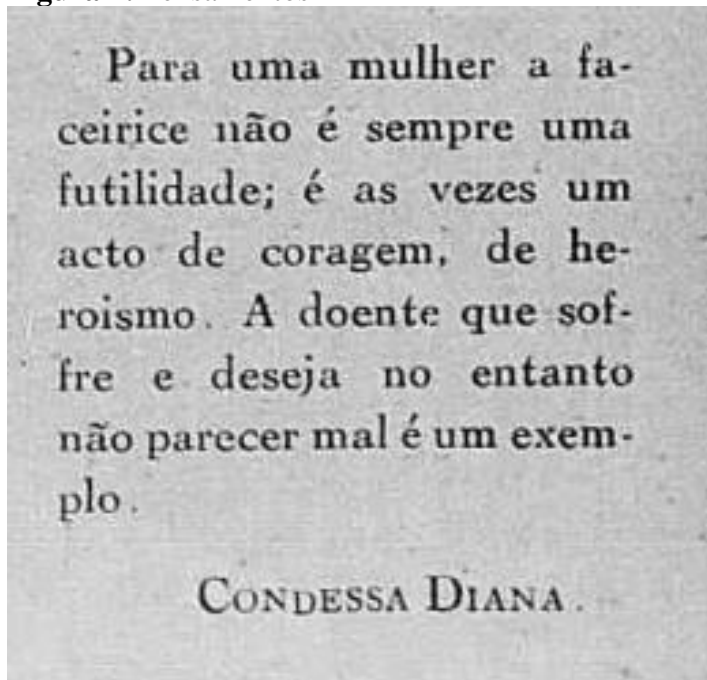
Gratis o livrinho "Como cuidar do Bebê".

Fonte: Revista da Semana, 1933, ed.050, s/p

A partir da maternidade as mulheres estariam finalmente completas e alcançariam a sua plenitude ao exercerem a sua função natural para qual o seu corpo foi desenvolvido, se tornando assim verdadeiras mulheres, conforme Swain (2000, p. 61): “ancorada no biológico, portanto, a representação da mulher se faz associada à da ‘verdadeira mulher’, a mãe”. Dessa maneira, a maternidade se torna destino e representação do ser mulher. Através do anúncio acima, das *Gottas Salvadoras*, é possível visualizar como a valorização da maternidade está exposta nas propagandas nos periódicos, pois como o próprio afirma, “ser mãe é a mais sublime missão da mulher”. Nota-se também discursos da valorização materna até mesmo em produtos que não têm uma ligação direta com a maternidade, como na propaganda de uma essência de banho que promete carícias maternas, acentuando a ideia de uma carência maternal ou uma carência pela maternidade.<sup>6</sup>

Ademais, a beleza não estaria representada apenas através do físico, mas também através de atos e gestos. Significando que além de cuidar da sua aparência física a mulher deveria conter seus gestos e atitudes, se tornando, assim, uma mulher elegante.

<sup>6</sup> Conforme o anúncio intitulado de: Um somno reconfortante. (Revista da Semana, 1930, ed.003, s/p)

**Figura 7:** Pensamentos

**Fonte:** Revista da Semana, 1932, ed. 045, s/p

É exposto em uma das seções da Revista da Semana, intitulada de “Pensamentos”, no qual são expostas algumas frases, que a faceirice para a mulher nem todas as vezes é uma futilidade e até mesmo se a mulher estivesse doente, se ela conseguisse mantê-la, isso seria classificado como um ato de heroísmo e de coragem, sendo considerado como um grande exemplo.

Os conselhos foram exaustivos em suas repetições e insistências. Tratava-se de conter qualquer exagero, de controlar meticulosamente a presença corporal e emocional. Mulher bela devia saber se conter: gritos, risos longos, choros compulsivos, bocejos, tudo isso podia enfeiar o “brotinho” e deixá-la solteira para sempre. (Sant’Anna, 2014, p. 87)

Dessa forma, constata-se que a imagem feminina deve ser sempre bem apresentável, envolvida de beleza e elegância; à vista disso, a mulher para manter a imagem de bela e elegante deveria controlar ou até mesmo esconder as suas emoções e suas patologias, mesmo que elas fossem associadas naturalmente ao ser feminino, tudo o que poderia interferir nessas características consideradas como grandes qualidades da mulher, deveria ser eliminado.

Além de ser um caminho para o destino materno, o casamento também era uma forma de salvação da estabilidade feminina. Como já exposto, a natureza feminina não é só ligada ao

descontrole, mas também a patologia, tanto física quanto psicológica, governadas pelo órgão responsável por toda a fisiologia feminina, o útero. Nesse cenário, o casamento entra como salvador da mulher, se tornando, assim, um marco necessário e imprescindível na vida feminina. De acordo com Esteves (2021, p. 255), “o casamento impunha-se, então, como uma salvaguarda da sanidade da mulher e devia ter lugar dois anos após a menstruação, quando o seu corpo já estava normalizado e preparado para o parto.”

Dessa maneira, o casamento se tornava exigência da sociedade principalmente para as mulheres. E nessa conjuntura, a mulher deveria estar preparada para agradar seu futuro parceiro, a mesma deveria se tornar um modelo de esposa perfeita e está dentro das exigências para agradar o seu pretendente.

Uma parte significativa dos cuidados com a beleza continuou, contudo, focada na necessidade de levar as jovens ao altar, encaminhando-as para a construção de um lar feliz. Não por acaso, entre 1945 e 1955, um número volumoso de matérias sobre o amor conjugal tomou conta das revistas femininas. (SANT’ANNA, 2014, p. 87)

Como verifica-se em um dos anúncios sobre o Leite de Rosas intitulado de “O que toda a mulher deve saber e nunca esquecer para ser sempre amada e feliz”, o próprio título do anúncio confirma a ideia de que a mulher deveria estar dentro das exigências sociais para conseguir o amor e a felicidade. No qual dentro dessas exigências, estava a de juventude e beleza, a mulher deveria conservar essas qualidades tanto para conquistar o seu futuro marido, quanto para conservar o amor do próprio, “se quiserdes conservar agora o amor de vosso noivo e mais tarde o de vosso marido não deveis esquecer jamais o bom gosto e o cuidado higienico”, pois o tesouro feminino seria a formosura, “cuidae sempre do tesouro de vossa formosura”, no qual mantendo essas qualidades a mulher poderia alcançar uma felicidade constante, “e lembrai-vos sempre que só com o auxílio de Leite de Rosas podereis realizar esse supremo ideal de perfeição e de felicidade constante”; essas promessas principalmente de felicidade conjugal, assim como os produtos que prometiam a regularização e a cura dos males uterinos, instituíam desejos e hábitos de consumo intensos, que seria o objetivo dos anunciadores ao utilizar essas afirmativas, nas quais sabiam que as mulheres desejavam, criar consumidoras em potencial. (Revista da Semana, 1931, ed. 002, p. 02)

Assim sendo, são encontrados, principalmente, diversos anúncios destinados as mulheres sobre como as mesmas devem manter a sua juventude, elegância e beleza não para agradar a si própria ou ser uma satisfação pessoal, pois na maioria das propagandas o objetivo de cultivar essas características estaria ligado à figura masculina. Sendo essencial manter esses

fatores, para conservar o amor de seu noivo ou de seu marido, pois caso o mesmo perdesse o interesse por sua esposa ou desejasse outra, a culpa seria inteiramente dela,<sup>7</sup> assim como toda a responsabilidade de manter o lar e o casamento felizes e equilibrados.

Tanto a juventude, quanto a saúde e a beleza deveriam ser princípios sempre presentes nas mulheres, como nos mostra o anúncio intitulado de “Mocidade, saúde e beleza: os ideais da mulher”, no qual é descrito que esses três ideais são armas poderosas da mulher, acentuando a idealização de que a mulher estaria sempre ligada ao seu corpo no âmbito físico, distante de uma racionalidade ou de um pensar.<sup>8</sup>

### **3.2. Na “intimidade” do corpo feminino: juventude e higiene**

Uns dos fatores principais que envolviam tanto a juventude, quanto a beleza, discutidas até agora, era a saúde e a higiene íntima. Ser jovem e bela tinha uma estreita relação com o seu estado de saúde, sendo assim, diversas propagandas vinham acompanhadas de narrativas para confirmar que a saúde dependia da beleza e vice-versa. E como sede de tudo que governa a mulher, o útero e também os órgãos femininos não poderiam deixar de estar relacionados à juventude e à beleza. Conforme Sant’Anna (2014, p. 59), “para os médicos de inspiração eugenista, toda a beleza externa possuía um foco interno. No caso feminino, o foco estava nos órgãos reprodutores”.

---

<sup>7</sup> De acordo com o anúncio intitulado de “Interessam ao seu marido as demais mulheres?”, encontrado na Revista da Semana (1930, ed.003, s/p)

<sup>8</sup> Conforme o anúncio encontrado na Revista da Semana (1940, ed. 016, p. 12)

**Figura 8:** O segredo de ser jovem (Utercolina)

O segredo de ser sempre joven  
Reside no perfeito funcionamento dos órgãos femininos.

**UTERCOLINA**

Cura as molestias e perturbações do Utero e Ovarios. Suprime as colicas e faz parar incontinentemente as perdas de sangue sobrevindas nos achaques periodicos.

Neurasthenia!  
Debilidade!  
Fraqueza sexual!

**VITA-SENIL**

Sollicite uma amostra e o manual ilustrado - para 1935 - enviando logo em selas do correio

CAIXA POSTAL 1925  
RIO DE JANEIRO

Fonte: Revista da Semana, 1935, ed. 040, p. 14

Por meio desta propaganda da Utercolina, constata-se não somente a associação da juventude para com a saúde, mas ao afirmar que o segredo de ser jovem reside no funcionamento perfeito dos órgãos femininos, associa a juventude diretamente com os órgãos da mulher, sancionando a representação de que o corpo feminino é governado pelos seus órgãos sexuais, afetando até mesmo a beleza, que assim como a saúde feminina e tudo que é atribuído a mulher, irá ganhar a característica de frágil e delicada, ou seja, os discursos narrativos presentes associam tudo que envolve o ser feminino a debilidade e vulnerabilidade, o “sexo frágil”, inclusive na beleza.

A associação da saúde e da beleza também são representadas através dos anúncios, como é o caso do anúncio sobre a Fadorine.

Figura 9: Sua beleza é a sua saúde! (Fandorine)

**Sua beleza  
é a sua  
saúde!**



A beleza feminina é fragil, pois depende da saúde íntima que nem sempre está equilibrada...  
As senhoras que usam, regularmente, a Fandorine, são bellas, saudáveis e alegres de viver. A Fandorine dá um especial encanto a mulher, porque liberta-a das regras dolorosas, evitando as fataes doenças femininas.  
Ao alcance de todas as senhoras. Dois modelos. Tubo proprio para bolsa.

AS SUMMIDADES MEDICAS  
DIZEM:  
"A FANDORINE FAVORECE  
A FORMAÇÃO, CURA AS  
REGRAS DOLOROSAS E  
EVITA AS DOENÇAS  
FEMININAS".

**Fandorine**  
*é a sua melhor* AMIGA

Fonte: (Revista Fon-Fon, 1938, ed.045, p. 09)

Através desse anúncio, observa-se a associação da saúde e da beleza. No entanto, como já exposto, a saúde feminina é frágil e irregular, pois o seu fisiológico está correlacionado com a patologia, principalmente quando se trata dos seus órgãos sexuais, em especial o útero, sede de diversos males e enfermidades. Com isso, a beleza feminina também é caracterizada como frágil, pois como a própria propaganda nos mostra “nem sempre a saúde feminina está equilibrada”. Em associação à menstruação, o produto anunciado pretende libertar a mulher das “regras” dolorosas, para que assim possa evitar as fatais doenças femininas. A menstruação, assim como as outras especificidades que envolvem o corpo da mulher, era envolvida por instabilidades, por esse motivo devia-se fazer o uso dos produtos anunciados para que assim ela não afetasse a tão almejada beleza feminina.

Outro fato que nos chama a atenção neste anúncio, é o uso da imagem de um médico para “comprovar” a eficácia do medicamento, pois a sociedade estava associada com as marcas do projeto precoce de modernidade juntamente com as marcas da cientificidade, compreende-se, dessa forma, que os periódicos estavam condizentes com esses fatores. Além da concorrência que se estabelecia entre os fabricantes dos produtos, como nos mostra Sant’Anna (2014, p. 34), “a concorrência entre os fabricantes de remédios fortaleceu a necessidade de recorrer a testemunhas ilustres e a exhibir o nome de médicos, mesmo quando o produto anunciado era apenas um sabonete”.

Logo, além da utilização da imagem de médicos e da confirmação científica, o conceito de modernidade era atribuído em diversas propagandas, pois os anunciadores sabiam do presente desejo das pessoas de se tornarem modernos, como podemos ver em um anúncio do “desinfetante” energético para a higiene íntima, Leucoform, no qual além de utilizar o termo modernidade, ainda o associa com a saúde e a beleza, ao afirmar que “A mulher moderna vence pela sua saúde e beleza”.<sup>9</sup>

O projeto precoce de modernidade não somente veio acompanhado das marcas da cientificidade, mas também dos ideais higienistas. O Movimento Higienista, também chamado de Movimento Sanitarista, chegou ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, almejando conservar a educação e a saúde coletiva, principalmente através dos ensinamentos das novas práticas e hábitos higiênicos, conforme Sant’Anna (2014, p. 15) no começo do período republicano se tinha uma ambição de ser higiênico e conseqüentemente moderno. E esses desejos continuaram a ser almejados no decorrer do tempo, como pode-se notar nos periódicos.

A medicina estava ligada aos ideais higienistas e logo o corpo da mulher foi abordado. Nestas abordagens, os anúncios divulgavam a maneira correta de higiene e o melhor remédio para ser utilizado, pois com o seu fisiológico beirando a patologia, e perante os problemas íntimos da mulher, se deve usar o produto anunciado e não fazer qualquer “ensaio perigoso” na higiene íntima.<sup>10</sup> Nota-se assim, a competitividade dos produtos que buscavam ser caracterizados como salvadores da saúde feminina.

---

<sup>9</sup> Encontrado na Revista da Semana (1932, ed.052, s/p)

<sup>10</sup> Segundo o anúncio intitulado de “A Higiene íntima é vantajosa SÓ se fôr CORRECTA”, encontrado na Revista da Semana (1934, ed.015, s/p)



A juventude também possuía a sua associação com a higiene íntima. Podendo encontrar anúncios que fazem essa associação de uma forma nítida.

**Figura 10:** Metrolina



**Fonte:** Revista da Semana, 1931, ed. 050, s/p

Através da propaganda do produto “antisséptico, adstringente e bactericida” Metrolina, que em outro anúncio também utilizou o termo modernidade para chamar a atenção das leitoras,<sup>11</sup> é possível perceber a associação da juventude com a higiene íntima, no qual a conservação da juventude dependerá de uma higiene íntima que utilize o produto correto, no caso, o produto Metrolina.

<sup>11</sup> Sendo descrito como “O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA”, anúncio encontrado na Revista Fon-Fon (1947, ed.2122, s/p)

Figura 11: Preceitos de hygiene

**Preceitos de hygiene**

PARA CONSERVAR  
A MOCIDADE

Basta querer ficar jovem para poder ficar jovem?

As preocupações e as dificuldades da vida actual pedem cada dia ás mulheres um esforço maior. Usura, tensão nervosa... a frescura e a mocidade do rosto nesse rythmo são depressa ameaçadas. E, no entanto, é indispensavel preserval-as.

Por ella mesma e para a sua felicidade, para a alegria daquelles que a rodeiam, uma mulher tem a obrigação de ficar o mais encantadora e attrahente possivel. Muitas vezes tambem a apparencia da mocidade é para ella uma necessidade imperiosa: as condições do seu trabalho, as exigencias do seu officio obrigam-na, se ella quizer luctar contra as concorrentes mais juvena.

Para a praia — Roubrancos e n'

Fonte: Revista da Semana, 1938, ed010, p. 41

Em uma seção intitulada de “Preceitos de hygiene”, encontra-se o título “Para conservar a mocidade”, em seguida a afirmação de que “Basta querer ficar jovem para poder ficar jovem” e que apesar da vida atual exigir um esforço maior das mulheres, manter a frescura e a juventude são indispensáveis para as mesmas. Apesar das mulheres estarem assumindo uma posição maior na sociedade, além da esfera privada, a exigência da beleza, como já exposto, vem como mecanismo de controle para mesclar e substituir a domesticidade valorizada, conforme a teoria de Naomi Wolf (2018), no qual o “mito da beleza” irá relacionar o corpo feminino ao controle e às expectativas sociais.

E isso fica nítido através desta publicação, quando é declarado de que a beleza para mulher é classificada como uma obrigação, para manter tanto a sua felicidade, quanto a

daqueles que estão ao seu redor. Além disso, é afirmado que a aparência jovem para a mulher é uma necessidade imperiosa, pois suas condições de trabalho e as exigências tornam obrigatório, caso ela queira lutar contra as concorrentes mais jovens. Conforme Wolf (2018, p. 35), “o mercado de trabalho refinou o mito da beleza como uma forma de legitimar a discriminação das mulheres no emprego.”

Dessa maneira, mesmo após as mulheres adentrarem no mercado de trabalho, a juventude continua sendo utilizada como dispositivo de controle sobre elas e como atributo principal; não é o seu intelecto ou inteligência que irão ser relevantes, pois prevalece a aparência das mulheres como elemento principal de sua valorização; o físico, em especial o útero, controla a mulher e a aparência pode revelar o quanto esta encontra-se saudável, equilibrada e bela. Aspectos que se estabelecem como trunfos para que sobrevivam e lutem com “suas rivais”, como sugere o anúncio acima, estimulando a concorrência entre as mulheres, sugerindo “armas” de consumo para combater aquelas que têm a juventude ao seu favor.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de cobranças e controle da mulher iniciava-se na puberdade, estabelecida pela primeira menstruação, essa fase da vida da mulher, diferentemente da vida masculina, era frequentemente abordada, gerando assim, a impressão de que somente a mulher se diferenciava, nessa conjuntura, era desenvolvida a necessidade de conhecer e compreender todas as transformações que resultavam nas diferenças sexuais femininas. Desde que as diferenças sexuais foram estabelecidas, as mesmas adquiriram um objetivo político relevante ligadas às relações de poder e de gênero, isto é, essas diferenças se tornaram funcionais para justificar as desigualdades, a subalternização e a conduta de vida que a mulher deveria seguir.

Nesse cenário, os órgãos reprodutores, principalmente o útero, no qual era considerado como o órgão governador da mulher, e as suas especificidades, como a menstruação, considerada como a forma em que o útero expressa todo o seu poder sob a vida feminina, serviam de mecanismos de controle do corpo e da vida da mulher, através das estratégias discursivas presentes nos periódicos analisados.

Dessa forma, a menstruação e a puberdade eram o início da vida das agora jovens mulheres, vindo acompanhada de diversos valores, significados, cobranças, normas e estereótipos a serem seguidos. Dentro dessas exigências, a busca pela juventude se tornou uma necessidade na vida feminina, o controle da mulher antes exercido pela domesticidade valorizada, agora era exercido pela associação da juventude com a beleza, representado no “mito da beleza”, ou seja, a beleza neste fator não estava relacionada apenas com a aparência, mas também com a domesticidade valorizada, procurando determinar o comportamento da vida das mulheres.

A análise dos periódicos, principalmente através dos anúncios, possibilitou notar como a busca pela juventude associada agora com a beleza, demonstrava ser aspecto importante para o casamento e para o destino inquestionável de todas as mulheres, a maternidade, não somente isso, mas a juventude e a beleza eram as chaves para que a mulher fosse feliz e conserva-se o tão almejado amor do seu noivo e posteriormente marido, demonstrando que a busca por esses aspectos não se tinha o objetivo de agradar a mulher, mas sim a figura masculina.

Tanto a juventude, quanto a beleza eram estreitamente relacionadas à saúde e à higiene íntima feminina. As propagandas dos produtos nas revistas vinham demonstrar a dependência na saúde que a juventude e a beleza possuíam. Nesse cenário, o útero era o grande responsável

da organização tanto física, quanto psicológica da mulher, no entanto, o útero era caracterizado como o lócus do adoecimento feminino, representando a fragilidade da saúde da mulher, como outros vários aspectos associados a figura feminina, a juventude e a beleza, dependentes do bom funcionamento do organismo da mulher, no qual era dependente do útero, eram definidas também como frágeis e instáveis, gerando a necessidade das mulheres estarem sempre em consumo dos produtos anunciados, tornando-as leitoras consumidoras em potencial. Notando-se que apesar da mudança de cenário e de uma gradativa introdução das mulheres no mercado de trabalho, a juventude continuava como mecanismo de controle, sendo definida como a característica mais valorizada, no qual as mulheres deviam lutar contra as outras que mais possuíssem esse atributo.

Com isso, acredito ser possível compreender como a vida da mulher é cercada por cobranças e controles, na qual o seu próprio corpo, através de suas especificidades, e em especial, o útero, é utilizado para tentar justificar as desigualdades de gênero e a inferiorização feminina, tendo aspectos como a juventude associada à beleza, enquanto dispositivos de controle que visam manter as mulheres dentro das funções e dos papéis sociais estabelecidos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Clarice Garcia. Fontes Históricas: cotidiano e história por meio dos periódicos. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, v. 03, n. 05, p. 38-53, 2018.
- BARROS, José D' Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História, Brasília**, v. 11, n. 1/2, p. 145-171, 2003.
- DANTAS, Carolina Vianna. Fon-Fon. *In*: ABREU, Alzira Alves de. (Org.). **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: FGV, 2010a.
- DANTAS, Carolina Vianna. Revista da Semana. *In*: ABREU, Alzira Alves de. (Org.). **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: FGV, 2010b.
- ESTEVES, Alexandra. Alguns olhares sobre a menstruação. **Ágora – Estudos Clássicos em Debate**, Aveiro, p. 247-266, 2021.
- FÁVERI, Marlene de; MARCON, Anamaria. Corpos construídos nas práticas de segredar - prescrições que constituem os corpos na experiência da menstruação. **Revista Ártemis**, [s. l], v. 07, p. 56-68, dez. 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREITAS, Patrícia de. A mulher é seu útero: a criação da moderna medicina feminina no Brasil. **Antíteses**, Londrina, v. 01, n. 01, p. 174-187, 2008.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no malleus maleficarum**. 2004. 76 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 02 (56), 2008.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da Ginecologia e a da Obstetrícia no século XIX**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 104-140, 2018.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

REVISTA DA SEMANA. 1930-1950. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em: 24/11/2022.

REVISTA FON-FON. 1930-1950. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_anos.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm). Acesso em 24/11/2022.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo, contracepção e natalidade na medicina da mulher**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil** / Denise Bernuzzi de Sant'Anna. – São Paulo: Contexto, 2014. (Versão em PDF).

SANTOS, Adriana Vidal dos. Linguagem e publicidade: contribuições da propaganda para a construção da sociedade. **Revista Letrando**, [s. l], v. 03, p. 76-88, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou "a hora e a vez do nomadismo identitário?". **Textos de História**, Brasília, v. 08, n. 1/2, p. 47-84, 2000.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.